



Lúcia Simas

Em comemoração Teófilo Braga (1843-1924) o grande Esquecido (Conclusão)

“Não tinha a sorte de ter uma figura desempenada e forte, nem era senhor de uma presença dominadora, nem de uma voz que prendesse facilmente os auditórios, daí que se tornasse um sábio de gabinete, um homem de grandes planos, especulações, dúvidas e incertezas, interrogando-se sobre os grandes problemas da Humanidade, Deus, o Bem, a Beleza e as realidades políticas.”

Conta-se acerca de Teófilo que, sendo muito modesto na sua vida social, ia de eléctrico para o Palácio de Belém e que estando um soldado à porta da sua casa, pela honra que mereciam as suas funções, quando estava a chover torrencialmente, Teófilo veio até à rua com toda a simplicidade e chamando o soldado de sentinela levou-o para sua casa para se aquecer e tomar chá com ele!

A morte da esposa deu-se no ano seguinte a ter exercido este cargo. Data dessa época a última carta de sua irmã Maria José que contava então 69 anos e se mostrou muito pesarosa e mesmo doente com a notícia e a situação do irmão agora sozinho no mundo, como ela mesma diz. Desde então viveu ainda mais isolado e entregue às suas tarefas de professor que só abandonou em 1922 e às de escritor que foram até ao dia da sua morte. Viviu do modo mais simples possível e terá mesmo dito: «Dentro de um poço, desde que tivesse os meus livros, uma resma de papel e um lápis, conseguia viver».

Poucas mais serão as notícias suas que temos em cartas familiares, mas há uma, de 17 de Outubro de 1922, a sua prima D. Eugénia Violante da Câmara Albuquerque, na Ilha de Santa Maria que Mendonça Dias cita:

«Aproveito esta ocasião para participar à minha Exma. Prima que me acho à distancia de dias da encantadora idade de oitenta anos, o que não sendo vulgar é também uma glória. Neste ano completei cinquenta anos de magistério, festival a que se dá o nome de Bodas de Ouro; foram celebradas com entusiásticos estudos dos meus antigos alunos, de várias gerações escolares, que passaram diante de mim de 1872 a 1922. Neste relógio da vida não tenho corda para larga actividade e vou colhendo as velas ao meu batel, para em porto seguro poder apodrecer sobre a amarra».

Em 1920, surgiu a obra atribuída a Francisco Maria Supico, “A Mocidade de Teófilo”, que sempre mantivera grande admiração e culto a Teófilo pelos muitos talentos que nele encontrara. Este, por sua vez escrevera acerca do amigo jornalista:

«Nesta carreira da vida também me consola a ideia de que por nenhum acto meu tenha levado à sua alma uma sombra, o desgosto vago de ter tido fé em um homem que a não merecia. Hoje, na sua velhice, o Supico é mais do que o meu amigo, é o meu juiz; o seu orgulho por mim é a minha maior glória».

Há fortes reservas na veracidade de todo o livro ter sido escrito por Supico, chegando mesmo Tavares Carreiro a considerar que o livro não passa de «uma fraude literária» que procura desmistificar com bastante documentação, mas ao escrever sobre Antero tem a maior admiração e dá uma visão sem condescendência acerca do poeta de “Tempestades Sonoras” quando a ele se refere. Este ensaísta busca a verdade como se fosse um dever moral e assim defende o próprio Antero do que sobre ele escreveu Teófilo.

Com mais moderação e muita prudência são as observações de Brandão da Luz, no que se refere ao mesmo facto, falando de serem reflexos da juventude vistos na velhice do ilustre Açoriano, mas observa como «os testemunhos de contemporâneos (...) e as cartas que escre-

veu, principalmente a familiares e amigos, apresentam traços antagónicos duma personalidade, ora a debater-se arrebatado pelo ardor do ódio mais incontrolável, ora a deixar-se abandonar na capitulação dos sentimentos mais comoventes».

Não tinha a sorte de ter uma figura desempenada e forte, nem era senhor de uma presença dominadora, nem de uma voz que prendesse facilmente os auditórios, daí que se tornasse um sábio de gabinete, um homem de grandes planos, especulações, dúvidas e incertezas, interrogando-se sobre os grandes problemas da Humanidade, Deus, o Bem, a Beleza e as realidades políticas. Acreditava no progresso e ironicamente descrevia da sua sociedade, tudo para ele era uma luta pela vida, em que via inimigos em muitos lados e os amigos rareavam. De facto, Teófilo não tinha a arte de fazer amigos. Este será sempre um espinho que o ferirá toda a vida.

Nunca voltará à sua Ilha de São Miguel! Teria dito que «ninguém é profeta na sua terra» e em vez de a procurar pensou mesmo em ir para o Ultramar, projecto que depois abandonou. Embora se gabasse de não ter a «doença do Açoreano» que é nada mais nada menos que a nostalgia do mar, dos rochedos no meio do Atlântico que tanto prendem e chamam os que lá nasceram, as cartas desmentem muita vez esse desapego. A saudade aparece em horas de solidão, na procura do mar como uma necessidade de ilhéu que era, nas recordações de festas religiosas que o marcaram, na saudade dos seus, mormente de sua irmã.

Não cabe neste simples artigo mencionar todas as obras que escreveu o que lhe dá um carácter monumental e um papel incontestável nas Letras e na Política da sua época. Se a influência do positivismo de Comte lhe confere uma característica mais limitada é porque, apesar do êxito desta filosofia, ela tinha os dias contados. Não teve escola e seguidores por mais de uma geração. Todavia politicamente confere um sentido optimista e pragmático ao trabalho de Teófilo Braga. Era o progresso que chegava! Todas as vãs metafísicas desapareciam com a Sociologia e o homem veria os seus problemas resolvidos numa sociedade que preconizava o Bem de todos e idolatrava a própria Humanidade.

Era este o sonho de Teófilo Braga. Quando morreu, no dia 28 de Janeiro de 1924, continuava a trabalhar e foi mesmo no seu gabinete de trabalho e à secretária que foram encontrá-lo, nessa manhã distante. Restava o trabalho de uma vida toda e o amor à humanidade, à educação dos povos e o culto do Bem nas suas formas mais elevadas e racionais.

Foi como historiador literário e doutrinário político que mais se afirmou. Mas a elevada expressão estética que atingiu na obra poética deve ser também recordada. Se isso corresponde apenas a uma fase já seria, por si só, caso para enaltecer Teófilo Braga e considerá-lo como um grande poeta e pensador português que amava entranhadamente a sua Pátria tanto na teoria como na prática. Deixou uma obra que vale ser recordada mais do que por monumentos e citações. Mais visível devia ser o seu estudo e a sua leitura para descobrir um pensador decisivo na literatura portuguesa. Mas, como muitos outros em Portugal, o direito à fama e à glória tem estranhos rumos...